

## PAI AMÉRICO

# Processo de Beatificação

«**C**OMO vai o Processo de Beatificação?» — perguntam muitas vezes tantos que o canonizaram, já em suas mentes e anseiam pela resposta da Igreja a autenticar a sua intuição.

Também nós gostaríamos de a conhecer ainda neste mundo — e as nossas vidas urgem! Apesar disso, preferimos sobriedade na postura, como sentimos que Pai Américo nos mandaria se, neste caso, ele tivesse algo que nos mandar. Não tem. Mas, ainda assim, nos parece de maior fidelidade ir na linha da sua devoção: Jesus Cristo, o «seu Deus e seu tudo», de Quem os Santos são jóias da Sua coroa gloriosa, para estimulação de muitos (de todos os que se Lhe abrirem) a sê-lo também.

Por isso é o Senhor que tem de falar pelos (pró) Seus Santos, de manifestá-los, de honorificá-los — aqueles que falaram e agiram em Seu Nome em suas vidas mortais.

Celebrámos estes dias a memória de S. Martinho de Porres. A pequenina nota biográfica que nos dá a Liturgia das Horas, diz:

«Nasceu em Lima (Peru) de pai espanhol e mãe preta em 1579. Aprendeu desde muito jovem os ofícios de barbeiro e de enfermeiro; e quando entrou na Ordem dos Pregadores, dedicou-se de modo singular à enfermagem em favor dos Pobres. Levou vida de constante mortificação e profunda Humildade e cultivou uma especialíssima devoção à Eucaristia. Morreu em 1639.»

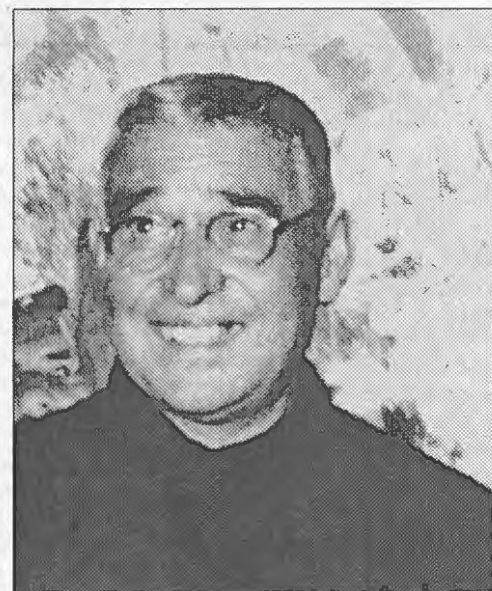
Sessenta anos de vida escondida e trezentos e vinte e três de novo escondimento até que um Papa, homem simples, surpreendente como ele, o canonizou. Um mestiço, decerto um filho natural que, sem outros atributos senão «o seu carinho pelos enfermos, (...) todo o género de solicitude e ajuda aos camponeses, aos negros, aos mestiços, que nesse tempo exerciam os ofícios mais desprezíveis, mereceu ser apelidado 'Martinho da Caridade'». E mais: «nos mostra com o exemplo da sua vida como é possível chegar à santidade pelo caminho que Jesus indica: (...) os Seus próprios passos e a obediência aos Seus man-

damentos» (Da homilia do Papa João XXIII na canonização).

O que Jesus não terá feito ao longo destes três séculos para arrancar do desconhecimento e patentear aos homens o Seu Martinho «da Caridade» na coroa da Sua glória; e oferecer-lhes «o seu exemplo, (...) para elevar o nosso pensamento às realidades celestes, (...) para a salvação de muitos!»

É a Jesus que temos de orar todos os que aguardamos desejosos, e com zelo, a resposta da Igreja acerca de Pai Américo. Suplicar-Lhe o sinal de que a Igreja se não dispensa: o milagre. E todos irmos dando sinais da certeza que já habita em nossas mentes na expectativa da Certeza que só a Igreja pode dar. Associá-Lo no Céu, às nossas vidas e procurar criteriosamente discernir as graças que, por mão dele, o Senhor nos faça chegar.

Habitualmente o temos n'O GAIATO com a sua palavra rica de conteúdo e de beleza — doutrina que o tempo não desgasta, tão oportuna e conveniente hoje, como ontem,



como será amanhã... porque bebida da Palavra, d'Aquele que é Hoje para todo o homem de todas as gerações: Jesus Cristo.

Os trabalhos do Processo vão em bom ritmo: estudo dos documentos e decisões intercalares que devem ser tomadas.

Têm aparecido algumas cartas inéditas. Tudo o que houver a falar dele ainda tem interesse, tem sempre — e nós agradecemos o seu envio, nem que seja mediante fotocópias autênticas para os que não têm coragem de se desprender dos originais.

Continua na página 3

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# A Pobreza domina em Portugal

**P**ROCURÁAMOS estar atentos à reportagem televisiva sobre a situação da Pobreza em Portugal. Ficámos abismados com o campo enorme que ela ocupa: vinte por cento da população portuguesa é dominada pela Pobreza; dois milhões de portugueses têm de suportar uma vida pobre.

Pelo que vimos e ouvimos continuamos a acreditar que a principal carência é a de habitação familiar. A falta de habitação e a de condições de muitos prédios já habitados e por habitar.

Como sempre, ficámos impressionados com os testemunhos que ouvimos. Aquela mãe abandonada pelo marido e

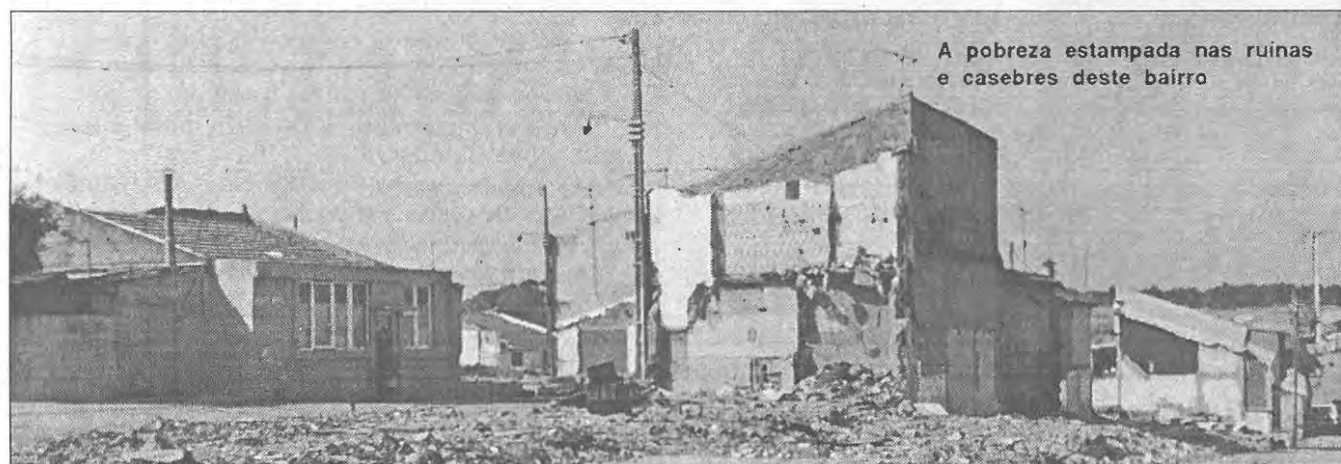
com quatro filhos a viverem com ela só num quarto, sem água, sem luz, sem higiene, pagando quarenta e cinco mil escudos mensais. A outra, que trabalhava só por contratos, a ganhar cinquenta e dois mil escudos e, agora, de novo desempregada e desanimada. Ainda outra, com quatro filhos e à espera do quinto, com o ordenado mensal de trinta e cinco mil escudos. Todas estas mães, a sua maior aflição é sempre a habitação. «Ter a nossa casinha, mesmo que seja pobre.»

Nas voltas que damos pelo País, testemunhamos encontrar um número imenso de habitações ocupadas e sem as

condições mínimas para o ser. Encontramos, também, de permeio, muitas delas apalaçadas, com vistosos jardins ou relva bem tratada e, no conjunto, algumas com sumptuosas piscinas com água quente e fria, ao dispor de cada um. Muitas escandalizam e contribuem para a despromoção humana de quem tem de aceitar uma vida pobre.

Durante muitos anos ninguém ousou falar da Pobreza em Portugal. Era terreno oculto. Pai Américo e outros levantaram a cortina. Pai Américo procurou, sobretudo já Padre, alertar para a vida da criança pobre e abandonada,

Continua na página 3



A pobreza estampada nas ruínas e casebres deste bairro

# Benguela

**C**HEGOU, há dias, do Balombo, aquele menino com lugar pedido, há muito tempo, na Casa do Gaiato. Veio ocupar o doutro rapaz que se foi embora indevidamente. Estas saídas extemporâneas são casos muito raros, aqui em nossa Casa. O peso da rua conta, é certo. Mas o bem oferecido pela Casa do Gaiato pesa muito mais. Os quase 100% destes filhos não têm nada nem ninguém, lá fora. E sabem que a ligação com um ou outro amigo não dá segurança.

Este factor de estabilidade ajuda a formá-los, pedindo-nos, entretanto, um esforço permanente para que o seu tempo seja aproveitado, ora na escola, ora em outras actividades para o seu futuro. Estou a pensar em centros de trabalho, dentro da nossa Casa, que sejam escola de formação profissional. É que, nesta fase da vida, em Angola, com o desemprego da maioria da população activa, com a quase paralisia dos locais de trabalho, com os estrangulamento das saídas para a escola, vejo o futuro imediato muito difícil. Um bom número de rapazes está prestes a atingir a idade em que a escola tem que ceder o lugar à preparação profissional. É bem verdade o que nos diz o ditado: «Filhos criados, trabalhos dobrados». Partilho convosco estas preocupações para que a nossa vida entre mais fundo na vossa vida. Como poderemos caminhar sem a vossa ajuda?

O menino que veio de Balombo, terra bonita e farta, a mais duma centena e meia de quilómetros de Benguela, para o interior, foi registado, agora, apenas com o seu nome. No lugar do pai e da mãe está um traço. Foi acolhido numa comunidade de religiosas, onde foi tratado com muito carinho. Dali, veio para nossa Casa, seu lugar definitivo, até ser um homem.

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**POBREZA E MISÉRIA** — Recentemente, lemos na *media* uma síntese do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), assinalando as carências em todo o Mundo. Milhões de pessoas subnutridas, com fome, praticamente um terço da Humanidade!

O quadro negro regista, na frieza dos números, legiões de analfabetos, de gente sem abrigo e sem água potável, de crianças sem escola, de mulheres iletradas, etc., etc. Omittimos os dígitos porque quase todos eles andam pelos muitos milhões.

Infelizmente, o nosso País ainda tem manchas de Miséria! Em um trabalho oficial realizado em 1995, cujos resultados foram publicados no ano passado, afirma-se que foram contados, como Pobres, 18,3% das famílias portuguesas do continente, número correspondente a 552 mil agregados familiares compostos por 1.711.000 pessoas.

Como é óbvio, um quinto dos portugueses são Pobres — vivem com dificuldades!

**PARTILHA** — Aí temos «a pequenina lembrança (3.000\$) da Avó dos cinco netinhos» — que reside em Setúbal — para os nossos Pobres. Todos os meses é assim!

Mais um cheque de cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «por diversas intenções e não precisam de agradecer».

Outra presença com idêntico óbolo, da assinante 33205, da Rua Almada Negreiros — Lisboa.

«Uma portuense qualquer» aparece regularmente. Agora, traz a «migalhina relativa aos meses de Novembro/Dezembro de 1997. Espero que o Senhor me ajude para poder 'aparecer' no próximo ano». Confie-mos em Deus!

Um cheque, de mil, da assinante 24851, de Lisboa, com este recorte: «Para o que houver de mais necessidade na

Conferência de Paço de Sousa. Ofereço este contributo por alma do meu marido e outras minhas intenções».

A presença habitual da assinante 31104, de Lisboa: «O meu coração não esquece aqueles que precisam e que contam todos os meses com aquilo que posso ajudar. Deus se lembre dos meus entes queridos. No entanto, como me foi consolador ler 'temos o problema resolvido' que, na segunda página d'O GAIATO, encima a 'Partilha'! É o sarar de uma ferida, a fase que mais me emociona e fala ao coração». Disse, com a sua alma cheia!

Mais um resto de contas com O GAIATO, para «a mensalidade de Novembro», voto da assinante 31254, de Fiães (Feira).

«A. E. L.», do Barreiro, «gostaria de contribuir com uma quantia, embora pequenina». Manda já cinco contos e pede, com empenho, indiquemos o endereço da Conferência de Paço de Sousa, *alc do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa*. Termina, pedindo desculpa de «ser tão pouco. E que continuará a ajudar os que curam o corpo e o espírito dos que mais precisam». Alma grande!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS**

— Já há algum tempo nos vínhamos a interrogar da maneira como aparecia de tempos a tempos e a espaços irregulares. Em jeito de brincadeira dissemos: «Ó tia Micas porque não pede a fulano e a beltrano?» O rosto transformava-se; tristeza e desilusão era o que sentia. «Olhe, senhor, eles não querem saber dos Pobres. Se fosse uma rapariga nova, com certeza tinha ajuda; mas, como sou velha, ninguém quer saber». Já falou com a assistente social aonde mora. «Se fosse drogada, também recebia. Como não sou, não tenho nada.

Também fui à Junta. Mandaram-me entregar uns papéis. Não sei o que hei-de fazer, vivo sozinha, não tenho ninguém, recebo vinte contos para comer, pagar a renda, luz, água. Olhe, eu vim agora do hospital e ando a pedir para comprar os remédios. Tenho setenta e seis anos e sou muito doente. Olhe que não estou a mentir». Fez, então, questão de mostrar os tubos que saíam do corpo para um saco e continuou: «Quando não estou bem peço aos vizinhos que chamem uma ambulância e levam-me para o hospital. O senhor doutor que está lá é muito meu amigo». — Mas a tia Micas não pode estar sozinha, ainda por cima num andar. «Eu não estou sozinha, estou sempre acompanhada pelo Senhor, o Sagrado Coração de Jesus; todos os dias falo com Ele de manhã quando me levanto e ao deitar, Ele é meu amigo». Acrescentou: «No hospital estavam duas meninas que tiveram pena de mim, levaram-me num taxi, ver uma casa para os velhos; olhe, vim tão doente de lá, só me apetecia chorar!» — E o que disseram as meninas? «Não disseram nada, vieram caladas. Antes quero estar como estou».

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Estamos no fim do ano e com ele o Natal e a caixa vazia. Pai Américo diz:

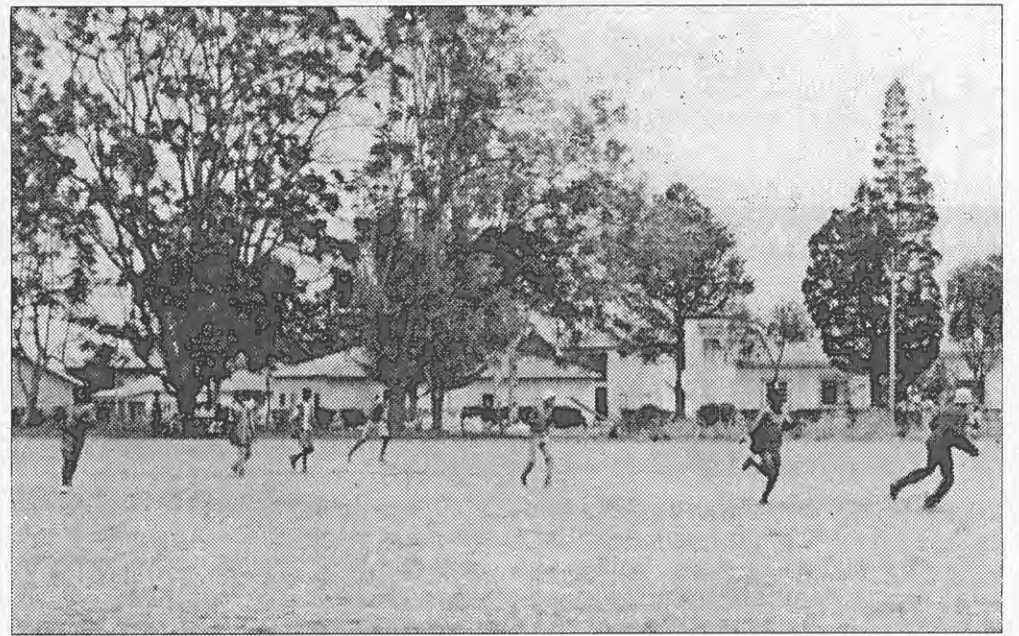
«Com o fim do ano, o esgotamento das nossas finanças torna-se aflitivo. Em boa maré vem o Advento e o Natal arraza montes e enche vales. Não pedimos nada; mais meritória, portanto, a espontaneidade dos donativos que nos foram enviados (do livro *Barredo*).

Anónima, de Fiães, 10.000\$. «Para a Conferência de S. Francisco de Assis», 5.000\$. Amigo, da Alemanha, com 100 marcos. De Arouca, roupas para os Pobres. Fazem sempre jeito, embora tenhamos o armazém cheio.

Obrigado pela ajuda que nos dão para os irmãos mais necessitados.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves



Campo de futebol da Casa do Gaiato de Malanje

## Por vezes

Disseram-me eles:  
Tu és lírico, ingénuo e pobre.  
Queremos ajudar-te  
A seres mais realista  
A saíres da tua fantasia  
Porque escrever  
Não é vida produtiva.  
Nenhuma mulher  
Com os pés firmes na terra  
Casa com um poeta.  
Tens de cuidar  
Melhor de ti.  
Tens de ser mais ambicioso.  
Respondi-lhes eu:  
Vós não conheceis  
A música que existe  
na minha poesia!

Insistiram eles:  
Tu não entendes  
Que queremos ajudar-te  
A ser mais verdadeiro.  
No momento presente  
Vives para o teu imaginário  
Mas no teu futuro calendário  
Vais passar fome,  
Andar sujo e roto  
Pelas miseráveis ruas  
Do crime e da amargura.  
E quando estiveres  
Doente e sem dinheiro  
Não terás amigos prazenteiros  
Que te façam feliz.  
Porque tu só tens sonhos  
Nessa cabeça demente.  
Respondi-lhes eu:  
Vós não conheceis  
As imagens que existem  
Na minha poesia!

Por vezes  
Na solidão do meu quarto  
Dou comigo a pensar:  
Apetece-me largar tudo.  
Sinto-me tão só, exausto  
E, confuso  
Nesta minha passagem...  
Mas... não devo desanimar!  
Vou continuar a ser quem sou  
E a fazer aquilo de que gosto  
Que é escrever  
Até morrer!

Manuel Amândio

## TOJAL

**CAMPO** — A apanha da azeitona terminou. Graças a Deus tivemos uma boa colheita.

**VISITAS** — Temos recebido algumas. No passado sábado, dia 8, recebemos duas Comunidades amigas que quiseram partilhar um magusto connosco.

**PASSATEMPO** — Graças a dois nossos Amigos vamos poder praticar mais um desporto muito bonito de se ver — a dança da capoeira.

**FESTA** — Alguns rapazes já se encontram com projectos nas mãos para avançarem com a festa de Natal.

**ENCONTRO** — Em 1 de Novembro, Dia de Todos os Santos, realizámos, aqui, um jogo de futebol entre alguns antigos gaiatos. Ganhámos, como era de esperar. Recebemos duas taças: uma para o melhor marcador e outra para a nossa equipa.

Arnaldo Santos

## PAÇO DE SOUSA

**PASSATEMPO** — Como o tempo não tem ajudado às brincadeiras ao ar livre, passamos os recreios no novo salão de jogos. Divertimo-nos com o ping-pong e o bilhar.

**MAGUSTO** — Em 10 de Novembro realizou-se, em nossa Aldeia, o magusto escolar. Falta o da Comunidade que será brevemente.

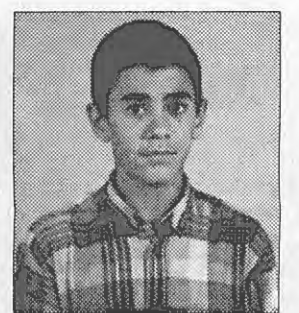
**POMAR** — As árvores de fruto estão a ser substituídas. Esperamos que as novas venham a dar saborosos frutos.

**PODA** — Em breve será a das videiras. Temos de começar cedo para que esteja pronta na Primavera.

Rui Manuel Silva

## RETALHOS DE VIDA

### “Lisboeta”



Sou o Mário Henrique da Cunha Rocha, o «Lisboeta».

Nasci a 19 de Maio de 1983 no hospital de Santa Maria, na freguesia do Campo Grande — Lisboa.

Estive com a minha família até aos doze anos. O meu pai morreu.

Depois eu fiquei «bandido» e fumava droga... Uma vez assaltei uma casa que tinha ouro e prata e barras de ouro.

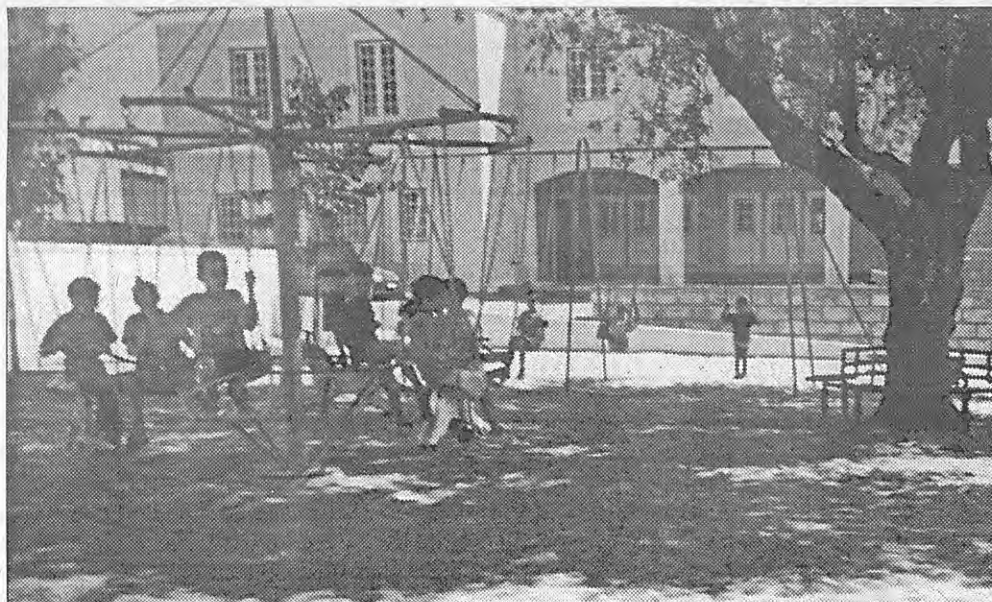
Estive um ano sem ir à Escola porque estava preso por ter roubado uma casa.

A minha mãe perguntou se eu queria ir para a Casa do Gaiato. Disse logo que sim!

Estou aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, desde 14 de Março de 1996.

Ando na 5.ª classe. E nos tempos livres da Escola, ajudo nos serviços da horta.

Mário Henrique



Miranda do Corvo — Parque infantil rodeado de habitações.

# Pai Américo

Continuação da página 1

Ainda uma palavra de tranquilidade aos que se preocupam com os custos do Processo. De tranquilidade porque:

Primeiro — À gratuidade que foi apanágio da intensa vida de Pai Américo ao serviço de Cristo nos homens como

ministro da Graça que de Deus vinha e por ele passava — tem correspondido uma atitude semelhante de quantos se têm empenhado e estão empenhados no Processo. Não é a primeira vez que o dizemos.

Segundo — A delicada preocupação de muitos espontaneamente se antecipa às despesas sempre inerentes e as tem saldado sem necessidade de qualquer apelo nosso. Também isto é um sinal — creio — que à Igreja não passará despercebido nem lhe será indiferente, pela espontaneidade com que é feito, pela devoção que significa.

Padre Carlos

## RETALHOS DE CARTAS

### Saudações

Para todos, sem excepção, que trabalham na Obra da Rua, as minhas saudações de admiração e respeito. Atrasada, mas não esquecida. Adoeci e graças a Deus estou curada. Mas, o coração a funcionar há noventa e dois anos não perdoa e as forças vão faltando dia-a-dia.

Rezem por mim, que a vóvó de todos vós não vos esquece diariamente.

Mariana

Junto um pequeno poema de louvor a Deus:

Cantar-te-ei, Senhor, como as cigarras / Num frémito estridente de emoções / Cantar-te-ei, meu Deus, como quem solta / Com as cordas vocais, o coração.

Cantar-te-ei e todos hão-de ouvir / O cântico de louvor com que Te chamo / E a cantar afirmarei que estou Contigo / Que me confio a Ti e que Te amo.

Assinante 23263

será para uma telha de tantas que têm sido e serão colocadas a restaurar tanta miséria habitacional.

Assinante 37949

### Nunca deixei de receber O GAIATO

Apesar de nunca ter enviado um tostão sequer, nunca deixei de receber O GAIATO — o que profundamente agradeço, pedindo desculpa do sucedido.

É um Jornal que muito admiro, sobretudo pela vossa coragem no modo como dais apoio e enfrentais o problema dos Rapazes da Rua.

Deus pague a vossa doação aos Outros.

Assinante 50851

### Sempre convosco

Sempre convosco e feliz quando me é dado receber O GAIATO que me vai

pondo em contacto com toda a vossa vida.

Também o querido Padre Américo, lá do Céu, a todos acompanha e protege.

Assinante 28342

### Lições de Vida

Sou admiradora da Obra da Rua, e, daqui, o meu bem-haja por tudo o que fazem pelos mais necessitados.

Leio sempre O GAIATO com interesse e dele tiro muitas lições de Vida.

Uma assinante

### A Obra da Rua é de todos

A Obra da Rua é de todos e, pela minha parte, procuro que O GAIATO seja lido na sala de espera do meu consultório.

Há sempre algo para aprender...!

Assinante 58986

### Fervorosa amiga

Essa é uma Obra de quem sou fervorosa amiga, há mais de quarenta anos. Deixem-me recordar que o primeiro donativo que mandei, há trinta e nove anos, foi um décimo da primeira bolsa de estudo.

Falem no problema da droga... que só o cinismo de alguns impede de resolver.

### Devoro O GAIATO

É imensamente comovida que recebo e leio O GAIATO, uma espécie de meditação. Devoro O GAIATO letra por letra com o maior carinho.

Tanto carinho e tanto amor para dar, tanta situação resolvida muitas vezes sem se saber como — mas sempre com a Esperança no coração.

Com a esperança que já me contagia, se algo sobrar



Baptizado na Casa do Gaiato de Benguela

# Benguela

Continuação da página 1

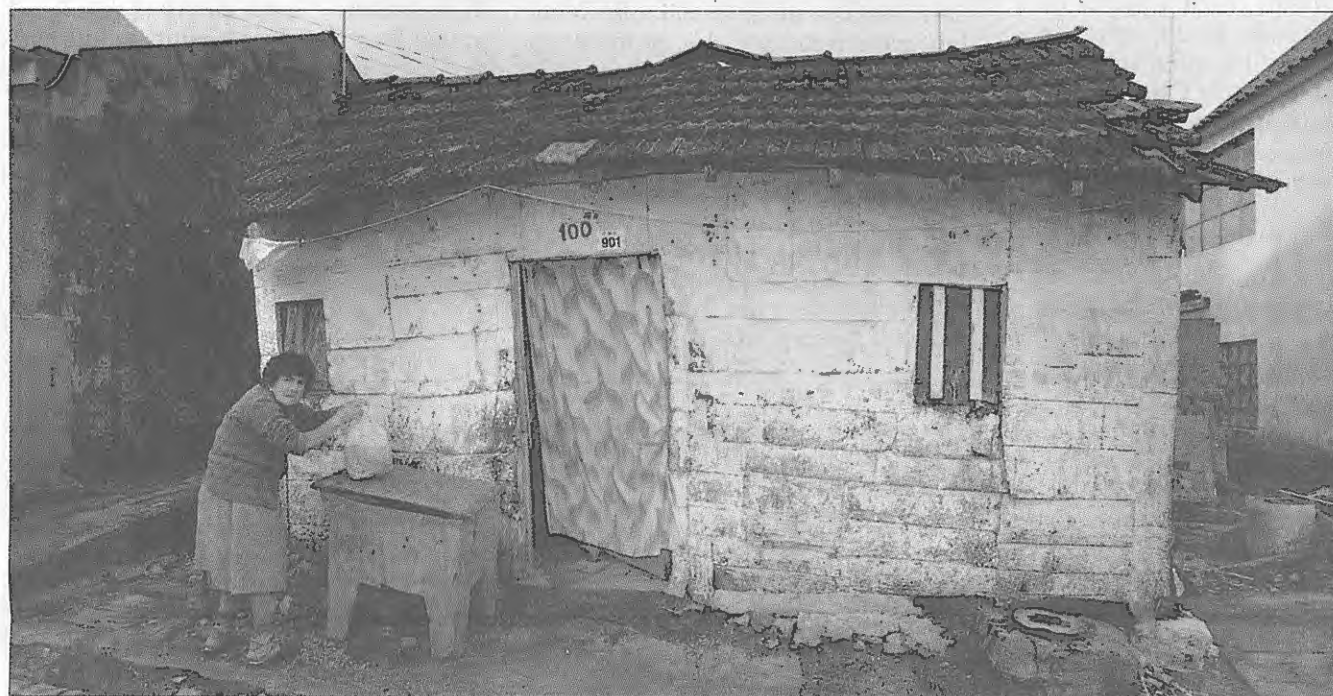
A Igreja tem vocação de Mãe. É preciso que o seja, em toda a parte; mas, dum modo claro e palpável, lá onde os filhos não sabem o que é ter mãe. Os filhos abandonados perderam-na, mas não perderam o gosto de ter mãe — como dizia Pai Américo. Estas religiosas foram a mãe primeira desta criança. Notei-o quando da despedida daquela que o acompanhou.

Como é habitual, não tardou muito a adaptar-se ao novo ambiente. É assim com todos os que são nossos. Encontram o que lhes faltava: uma família.

A criança da rua é muito falada. Ela é da rua porque lhe falta a família. E se esta existe é como se não existisse. Daí que, para resolver o problema destas crianças, a única via passa pela família. Se não há a família natural, dê-se-lhe outra onde a criança saiba e sinta que é amada, donde veja a porta que se abre para o seu futuro. Não vamos criar armazéns de crianças. Quantas vezes, assediados por muitos pedidos, me vem a tentação de encher mais os quartos que temos. Vamos para outra solução, se Deus quiser. Por outro lado, gostava de ver construções simples, mas airozas, onde entre a luz e o ar em abundância, num ou noutro lar em construção para crianças. Quando, à frente destas obras, houver corações de pais e de mães, tudo será diferente. Primeiro há que investir nas pessoas.

Continuam a fazer falta as estruturas intermédias para apoio das famílias, com dificuldades muito grandes na educação dos filhos. Esta é uma das razões por que há muitas crianças a viver nas ruas. As Casas do Gaiato situam-se noutro plano: substituição da família que não existe praticamente. Aquele tipo de acolhimento é duma actualidade flagrante, pois viria ao encontro da maioria dos rapazes da rua, mas que não são da rua. A Igreja tem uma palavra importante a dizer e a fazer neste sector da vida social, juntamente com outras forças. A tradição fala do papel realizado, ao longo dos anos, por Obras deste género, nascidas e criadas à sombra da Igreja. Não eram perfeitas, por certo; mas, onde estão as obras perfeitas? Com muita gratidão.

Padre Manuel António



A velhinha reside neste casebre desde pequenina

# Património dos Pobres

Continuação da página 1

construindo e apetrechando, para elas, as Casas do Gaiato. Para as famílias sem habitação, a viver em cortelhas, em casebres, em currais e noutros lugares impróprios, lançou aos portugueses este grande pregão: construir habitações que vieram a dar o Património dos Pobres. Empregou toda a sua

vida de Padre a cuidar dos Pobres.

Nunca procurámos esquecer o conselho paternal de um dos nossos Bispos que, um dia, em intimidade com os Padres da Rua, alertou: — *Olhem, Padres, nunca deixeis de denunciar a todos nós a pobreza que há em Portugal. Nós fechamo-nos nos nossos escritórios e não damos conta. É necessário que no-los denunciéis.*

Esta situação humilhante de pobreza só será debelada quando os que caíram nela procurem condições de libertação e todos os outros estejam dispostos a pagar as suas contribuições e abdicar de seus impostos. Só quando tivermos consciência de que fazemos todos parte da mesma sociedade e que somos todos irmãos, filhos do mesmo Deus.

Padre Horácio

## PENSAMENTO

Oh, quão longa e fácil não é a estrada por onde caminham os que se perdem, a calcar lágrimas que souberam fazer e não querem enxugar!

PAI AMÉRICO

## ENCONTROS em Lisboa

# Maternidade adoptiva vivida nas Casas do Gaiato

**E**M nossa Casa temos um quarto vazio. Toda a casa tem as camas cheias, existe apenas aquele quarto que todos sabemos estar à espera.

Este ano, aconteceu-nos algo de muito complicado. Tivemos de acrescentar camas nos espaços já preenchidos. Pensávamos que o Verão levaria três, ou mais, como habitualmente acontece. Uns já preparados para a vida. Outros porque graças a Deus houve evolução na sua família de origem e então vão. Infelizmente, outros porque a cabeça anda no ar, o arremedo da família que têm os desafia, não querendo saber do seu futuro e da sua dignidade, e, aí vão eles, ao desamparo. Mas, para nossa surpresa, o Verão não nos levou nenhum. Deu-se, entretanto, um outro acontecimento. Três rapazes que já nos tinham deixado, pediram para voltar. Como não os acolher? Estes ainda pensaram: temos alguém que nos pode acolher. Existem alguns que, não tendo a coragem para reconhecer o erro e voltar, acabam por se perder. Acrescentando a estes números os compromissos assumidos, de um momento para o outro, tivemos que passar de 140 para 148. Ficámos cheios como um ovo. Tão cheios ficámos que mais parece um escândalo aquele quarto, ali, vazio.

O preenchimento daquele quarto não se poderá fazer só por um apelo feito aqui e além, mesmo que emotivo e forte. Temos esperança que

um dia será preenchido. Deus saberá o momento de agir a nosso favor. Aquele quarto espera uma «Senhora» que, na gíria da nossa Casa, tem, em muitas ocasiões, o mesmo sabor e a mesma doçura do nome de mãe.

Estou em crer que hoje em dia existem muitas mulheres que desejam ser mães adoptivas e fazer desse acontecimento a vocação para realizarem plenamente as suas vidas. Estou também convencido que nós, Obra da Rua, não temos encontrado a melhor maneira de explicar esta vocação à maternidade adoptiva vivida numa Casa do Gaiato. Também é verdade que, na Igreja do nosso tempo, esta vocação à maternidade adoptiva não tem muitos aspectos que a erijam primeiramente em vocação religiosa, quase parece uma vocação menor, apenas material, apenas da terra, muito afectiva e sem tempo para rezar...

Entretanto, tanto a vocação para ser Senhora em uma Casa do Gaiato, como a vocação para se ser Padre na Obra da Rua, nasce como uma continuação do amor que o Pai nos consagrou ao tornar-nos Seus filhos adoptivos. Tem o seu centro igualmente na Palavra de Jesus quando afirma: «O que fizeste ao mais pequenino, a Mim o fizeste». Nesta confluência nasce a nossa vocação profundamente religiosa porque também profundamente humana: sermos, na medida das nossas possibili-

dades, pais e mães daqueles que, por qualquer motivo, se viram privados desse amor natural em que a família se alicerça. É Cristo que amamos nos nossos miúdos e, de alguma maneira, nos tornamos pais e mães dos «cristos sofredores».

Uma vocação religiosa tem a sua origem em Deus. É Ele que tem a iniciativa. Como Jesus nos disse um dia, temos que pedir ao Senhor da messe que nos mande operários. Neste momento, apetece-me dizer a Deus e voltar a dizer-Lhe quantas vezes Ele mo permitir, que temos um quarto vazio em nossa Casa para ser habitado por uma Senhora. Não lhe escolho o rosto, o modo ou a cor. Gostaria que tivesse um coração grande para amar e perdoar, a sabedoria de encontrar o conselho no momento oportuno e a disponibilidade para ouvir quando um «filho» lhe queira falar. Pediria que gostasse de trabalhar com os outros, procurando sempre a melhor solução e que, numa pobreza de espírito, entregasse sua vida a Deus para que Ele a abençoasse e fizesse frutificar. Diria a Deus que essa Senhora que Ele, um dia, nos há-de enviar, traga a marca da Mãe de Jesus, como o Evangelho no-La apresenta nas bodas de Caná, preocupada para que nada falte a todos os filhos que lhe forem dados.

Padre Manuel Cristóvão

## VISTAS DE DENTRO

### Os nossos meninos

**E**M todas as Casas do Gaiato os mais pequeninos são o encanto da Comunidade. Eles são o centro da alegria e o elo de ligação familiar.

Jesus deu o exemplo e deixou o ideal: «Deixai vir a Mim as criancinhas e não as estorveis. Ai daqueles que escandalizarem as crianças!... Se não fordes como elas não entrareis no Reino dos Céus. Eu te bendigo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos pequeninos».

Esta nossa Casa, a que pertence o grupo que ilustra esta mensagem, não foge à regra. Todos se mostram carinhosos e paternos. Cada qual procura descobrir o que melhor e mais atraente há-de oferecer aos nossos meninos: É o colo. É o aconchego ao peito. É a papa na boca. É o chichi. É o nariz. São todos os cuidados.

Eles têm o seu lugar, à escolha, em toda a parte: Nas salas. Nas escolas. Na capela. Na sala de jantar andam de mesa em mesa e aceitam o colo de todos os que lhes estendem os braços. Em todo o lado, embora tenham o seu lugar próprio.

O lugar onde mais me encantam é na capela. Eles vão também à Eucaristia dominical. Vão para o banco da frente que lhes está reservado. Pouco tempo se conservam ali. Descem, e, logo no chão, cada um brinca com seu brinquedo. Não há barulho. Não incomodam ninguém. Já vão entendendo que ali é lugar de silêncio e de respeito.

O mais pequenino, e também o mais encantador, é o Ruben. Tem dois anos. Muito pequenino. Foi-nos confiado, com outro irmãozito, pela avó que os criou. Ela trouxe o Ruben ao colo e no-lo entregou com um beijo. Recebemo-lo ao colo e com um beijo, também. Tem sido o menino dos beijos de todos, sem explorar o carinho que recebe.

Muitos dos nossos, no acolhimento que dão aos mais pequeninos, mostram as carências afectivas, quer maternas quer familiares, com que foram criados. O abandono a que foram votados está bem patente na sua vida. É a grande prova do lugar que os mais pequeninos ocupam nas Casas do Gaiato. Eles são o nosso ceme e o ceme da nossa vida.

Padre Horácio

## DOCTRINA

Com linhas da vida do Pobre também se borda a matiz



**C**HEGAVA eu há dias do Porto, no rápido da noite. Fui o primeiro a sair as portas da estação, com pressa de chegar a Casa: — Onde estiver o teu coração, aí o teu tesouro. Duas mulheres se-guem-me; e logo um homem e logo outro e mais um; e um mundo todo: carregadores, mirones, Pobres de pedir — gente de ninguém. — Estamos à sua espera para pagar a passagem a este rapaz. E todos à uma, contentes por eu chegar, contam de como haviam já mendigado algum dinheiro — «ora mostra, rapaz» — e de como ele não chegara para o custo do bilhete. Tratava-se de um moço de ao pé de Braga, ceguinho, que viera pedir luz à ciência de Coimbra e foi-se embora às escuras; mais sabe quem pediu e quem deu para ele. Eu gosto tanto de dar aos cegos porque me não podem ver! Não é a primeira vez que «aquela pobre gente», como tu dizes, espera que eu chegue de fora ou vai ao meu encontro, piedosamente, implorar a passagem de Pobres errantes, nomeadamente os saídos dos hospitais com destino às suas terras; não é. Gente da vida airada, amigos da taberna, povoadores das cadeias, rentes nos lupanares, não sei que me dá no peito ao ouvir-lhes a voz sincera e embargada: — Ajude-nos, Padre, que é para este desgraçado. Ai dos Pobres, se não fossem os Pobres!

— **VOSSEMECÊ vem sem nada?**  
— Venho, sim senhor! Às vezes mandam-me alguma coisinha à porta, mas hoje não. E são meus cunhados! Trata-se duma família de Coimbra, miseravelmente rica, proprietária de muitos prédios, em muitas ruas, a quem decerto pagas renda; e não tem nada que dar à sua própria família! Os avarentos, quando ricos, são perigosos à sociedade e, como tais, deveriam estar sujeitos à tutela de alguém! Por algo os amaldiçoa o Evangelho.

**E**U entrei na cadeia da Comarca onde me demorei três dias a pregar aos

reclusos. O carcereiro fechava-me às nove e abria-me às seis da tarde, ou às dezoito se gostas mais. — Ora ainda bem que está connosco: o rancho vai ser melhorado por você estar. Por este regozijo humano entrava eu em plena conquista de todos e de cada um daqueles homens, ainda dos mais criminosos — *primum vivere*. Sentia que todos eram meus. Um dia chegou o rancho às grades; era o último dos meus trabalhos. Fomos todos comer. Dirigi-me a uma bacia que estava ao fundo da sala, lavar as mãos. Volto-me para limpar e dou de cara com dezoito reclusos que tantos eram os ocupantes da cadeia, cada um com sua toalha nos braços e estes estendidos para mim: — *Limpe-se aqui!* Eu limpei as minhas mãos pecadoras dezoito vezes, a dezoito toalhas. — *Ande, Padre, que a toalha é minha.* Não era da prisão; viera de casa, lavada pela mãe ou pela mulher, direitinha do bragal. Era o melhor que cada um me podia dar naquela maré. O que não teriam eles dado se tivessem quê — «a tal pobre gente» de quem tu foges e falas! Senhor Jesus, eu não troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os Membros doentes do Vosso Corpo, considerados sem cura!

**E**U entrava na Livraria do Castelo onde alguém me convidou para almoçar: — Não se esqueça, ouviu? É no dia xis deste mês. Ouvi e fui-me embora a dizer baixinho: — Tem graça, é o dia dos meus anos! No dia e hora marcados, estava. Havia mais duas pessoas além da minha, todos amigos. — *Com que então, vem passar os seus anos a minha casa! Como é que soube? Quem foi que lho disse!? Foi meia hora de Betânia!* No final apareceram as criadas que, longe de servas, mostraram ser companheiras e amigas da casa. Trazem os presentes: catorze peças de malhas infantis, um pacote de bolos, um dito de rebuçados, uma lata de bolachas e uma carapuçada de notas. Isto tudo para mim, naquele dia. E o que não tem sido noutros! E o que não é para muita gente, em muitas ocasiões, saído do tesouro de quem me convidou?! «Aquele que dá muito, muito se lhe dá», disse o Senhor.

*D. Amén. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)



Os nossos pequeninos, com seu chefe, no parque infantil.